

Os mundos que não se desconectam...

GISELE MERIZ¹

Resumo:

O tema aborda uma questão atual e muitas vezes importante para as sociedades envolvidas no processo de migração: dar voz as experiências vividas por migrantes brasileiros clandestinos (ou não) nos fluxos migratórios contemporâneos por meio de comunidades virtuais. Tem por objetivo socializar as experiências das redes sociais, que mantém os fluxos migratórios, em especial, as redes de telecomunicação que permitem com que o país de destino e o país de origem não se desconectem, proporcionando um contato quase real entre ambos. A pesquisa foi direcionada a brasileiros (de diferentes regiões) que vivem ou tem algum parente próximo (1º grau) que moram nos Estados Unidos da América (em diferentes regiões) por ser este um dos países americanos que mais importa mão de obra desde a década de oitenta do século passado. Para compreender a configuração dessa rede social foi realizado entrevistas semi-estruturadas e pesquisas, a partir do Orkut (site de relacionamentos), e extraído por meio dos fóruns, mantidos pelos usuários, as informações que são discutidas virtualmente como: moradia, emprego, alimentação, lazer entre outros tópicos. Percebendo-se assim, que num cenário da migração internacional, sem documentos para migrar para o exterior, sem carteira de trabalho, sem atividade legalizada, sem “papéis” (ou não) o Brasil vem se incorporando por meio de redes sociais mantendo um fluxo contínuo e crescente desde a década de 1980. A configuração das redes de telecomunicação demonstra um novo perfil contemporâneo da população mundial, na qual os brasileiros estão inseridos e como tal atuam modificando e transformando as relações sociais numa época em que a globalização se impõem.

Palavras-chave: Migração, redes sociais, internet.

Introdução:

A cada ano, um número crescente de novas tecnologias de comunicação contribuem e permitem as conexões entre o país de origem com o país de destino. Deste modo, meios de comunicação como MSN, Orkut, e-mail, blogs entre outros trazem contribuições significantes para o cotidiano de famílias migrantes, aproximando-os no cyberspaço e proporcionando uma cybercultura².

¹ Mestranda do Programa de Pós Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina.

² Cybercultura é um termo utilizado por Pierre Lévy. Para o autor o significado não está atrelado à cultura dos fanáticos da internet, mas sim uma interconexão que comporta uma gama de diversidades de sentidos. “Em outras palavras: a interconexão mundial de computadores forma a grande rede, mas cada nó dela é fonte de heterogeneidade e diversidade de assuntos, abordagens e discussões, em

O desenvolvimento das tecnologias digitais e a profusão das redes interativas, quer queira ou não, colocam a humanidade diante de um caminho sem volta: já não somos como antes. As práticas, atitudes, modos de pensamento e valores estão, cada vez mais, sendo condicionados pelo novo espaço de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores: o ciberespaço (MURAD, 1999:01).

Este “lugar” virtual foi apresentado numa entrevista. Maria Flor, uma jovem de 16 anos, nascida na cidade de Framingham (MA) vive a experiência de dois mundos. Mora hoje no Brasil na cidade de Governador Valadares (MG) com sua mãe, ao passo que seu pai mora nos EUA na Flórida. “Ao ser questionada sobre a sua forma de comunicação com seu pai que se encontra nos Estados Unidos, nos disse que a internet era sua principal forma de comunicar-se” (ASSIS *et al*, 2007:06):

Entrevistadora: “E você fala com ele sempre?

Maria Flor: Falo, com ele assim, é que ele usa muito a internet, ele e ela (madrasta).

E: E seu meio de comunicação com ele mais freqüente, qual que é?

MF: A internet!

E: A internet?! Você manda e-mail?

MF: É assim, a gente conversa, assim, eu encontro ela muito on-line, porque ela fica dentro de casa, aí eu converso assim com ela e ele chega do serviço e eu converso com ele também, de vez em quando, só pela internet.

E: MSN?

MF: É, MSN, orkut, que a gente tem mais contato.

E: Orkut também?

MF: É, orkut também!

E: Daí você deixa bilhetinho pra ele?

MF: Deixo! (risos)

E: Mas aí é legal né, porque mantém o contato.

A importância das novas redes de comunicação para integração e interação entre os que partem e os que ficam pode ser visualizada em reportagem do jornal Migrante em Pauta, produzido pelo CIAAT em dezembro de 2006. A reportagem intitulada “Orkut³ promove interação entre emigrantes” apresenta que “trocar experiências, tirar

permanente renovação” (MURAD, 1999:01).

Assim neste sentido, as palavras de Horta apresentam a importância da internet no cotidiano das pessoas. “A Internet representa um meio extremamente eficiente para acessar e organizar informação, bem como, para a comunicação. Como na Internet as comunicações variam entre a palavra escrita e a falada e às imagens visuais, Levy, em 1996 (apud PETERSON *et al*. 1997) acreditou que a Internet se transformaria, finalmente, no meio no qual as pessoas manteriam um contato constante com a família, a televisão, verificariam o tráfego e o tempo, leriam o jornal, preparariam um relatório para o trabalho, fariam compras, etc., o que, em 2005, já pode ser uma realidade para os mais de 25 milhões de brasileiros com acesso à Internet” (HORTA, 2007:02/03)

³ Vale lembrar que segundo Robert V. Kozinets (2002, *apud* HORTA 2007: 04) “os grupos sociais têm

dúvidas, manter contato com parentes e amigos, são algumas razões que levam os emigrantes a participarem do site de relacionamentos do orkut” (p.04).

A Etnografia on-line pode ser utilizada para compreender como os consumidores de comunidades virtuais se comportam na web e que significados eles atribuem a determinados produtos e/ou serviços, entretanto, ela ainda está em fase de estudo/experimentação, existindo pouco material acadêmico produzido. (Horta, 2007: 01)

Uma breve etnografia *on line* foi realizada no site de relacionamentos citado e, pode-se perceber uma grande quantidade de comunidades existentes no cyberspaço que proporcionam a troca de informações acerca das migrações contemporâneas, não só de brasileiros para os EUA, mas de imigrantes de modo geral. Dentre as comunidades encontradas, mais de 400 comunidades virtuais traziam como tema principal brasileiros nos EUA.

Foi observado que nessas comunidades virtuais, os fóruns de circulação de idéias, trocas de informações tem um caráter mais significativo, pois abordam temáticas muito presentes no cotidiano dos que migram, mas também daqueles que ficam no país de origem. Algumas enquetes trazem perguntas como: Você pretende voltar a viver no Brasil? Você já passou aperto na América? E o que fez? Qual cidade é melhor pra se morar nos Estados Unidos? Há quanto tempo você está nos Estado Unidos? Quantas vezes por ano você viaja ao Brasil? Por que um brasileiro prefere viver no exterior? Entre tantas outras perguntas que circundam o cotidiano daqueles que migram, favorecendo aos usuários a troca de experiências, sejam elas boas ou ruins.

Poucas comunidades (aproximadamente 20) se referem aos deportados. O número de membros participantes dessas comunidades também não são altos, porém os tópicos criados pelos participantes são riquíssimos em informações acerca das deportações. Nesses fóruns, os deportados de diferentes países (EUA, Espanha, Inglaterra, Portugal, etc) contam suas experiências, o modo como foram tratados pelas autoridades, como se sentem ao saber que o outro os tratam como criminosos, e o

uma existência real para seus participantes e têm assim efeitos conseqüentes em muitos aspectos do comportamento humano, incluindo o comportamento de consumidor na e fora da Internet”. Ainda neste sentido, Brian Mckena (1998, *apud* HORTA 2007: 04) afirma que “a palavra comunidade pode ser calorosamente persuasiva, visto que descreve um jogo existente dos relacionamentos, ou pode descrever um jogo alternativo dos relacionamentos”.

quanto a condição de deportado marca a vida de cada um deles. Através dessas comunidades pude entrar em contato com dois homens que foram deportados dos Estados Unidos, um deles ainda espera o cumprimento do tempo estabelecido pelo EUA para entrar novamente com pedido de visto, o outro diferentemente do primeiro, migrou novamente ao EUA pela porta dos fundos, hoje mora em San Diego. Segue abaixo alguns relatos publicados no fórum de uma das comunidades criadas por deportados:

eu!

oi eu fui deportado dos eua a um ano atras passei 35 dias preso depois me botaram no aviao da american e me soltaram em guarulhos sem passaporte ou qualquer tipo de identidade mas ja to bem novamente trabalhando aqui no brasil mesmo e quem sabe em breve tentar a vida em um outro pais!! canada por exemplo

(Comunidade: Deportados dos EUA. In: Fórum - Gostaria de informações de alguém que foi deportado. Disponível em <http://www.orkut.com/CommMsgs.aspx?cmm=1139748&tid=21462861&start=1>. Data de acesso em 17 de setembro de 2007).

nossa!! great experience

eu fui deportado dos e.u.a duas vezes, a primeira, foi aquela que veio 200 e poucos deportados, que desceram la em belo horizonte...eu estava com a camiseta do brasil. desci aqui em goiânia, foi muito show, a globo foi la em casa me entrevistar, foi tudo uma comédia. e a segunda vez foi no ano passado 2005, fiquei dentro dos e.u.a alguns meses, mas eles me pegaram e agora estou aqui no brasil, esperando a hora de acabar o tempo determinado pelo juiz, e come back to u.s.a...valeu galeraaaaa

(Comunidade: Deportados dos EUA. In: Fórum - Gostaria de informações de alguém que foi deportado. Disponível em <http://www.orkut.com/CommMsgs.aspx?cmm=1139748&tid=21462861&start=1>. Data de acesso em 17 de setembro de 2007).

Deportação

Morei durante 03 anos e meio na Florida e Boston, nos Estados Unidos, fui como turista e tinha uma permanência de apenas 06 meses, acabei ficando mais de 03 anos. Por motivos particulares voltei ao Brasil (2002) para resolver um problema, e quando tentei retornar, fui deportado no aeroporto de Miami. Infelizmente perdi tudo, e quando voltei para o Rio de Janeiro, enfrentei muitos problemas, depressão, adaptação, trabalho, fiquei sem rumo, sem direção. Bom, gostaria de trocar informações e experiência com pessoas que passaram pela mesma situação, ou se encontram. Pretende voltar ano que vem. Se alguém me perguntar se vale a pena? Vale, e como vale, por isso tentarei voltar. Aguardo retorno.

(Comunidade: Deportados dos EUA. In: Fórum - Gostaria de informações de alguém que foi deportado. Disponível em

<http://www.orkut.com/CommMsgs.aspx?cmm=1139748&tid=21462861&start=1>. Data de acesso em 17 de setembro de 2007).

Contudo, nenhuma comunidade virtual referente àqueles que entram nos EUA clandestinamente foi encontrada. Porém o tema circula nos fóruns de outras comunidades ligadas a migração internacional. Assim, nas palavras de Brian Mckean,

(...)apesar das pessoas estarem ligadas por interesses comuns, por objetivos dos valores, e por habilidades profissionais, elas não ocupam/ se encontram, necessariamente, na mesma zona de tempo ou espaço físico, o que proporciona uma nova dimensão às relações, visto que as barreiras geográficas e fusos horários são derrubados.

Os membros de uma comunidade virtual estão reunidos pelos mesmos interesses e pelos mesmos problemas, sendo que nas comunidades virtuais é possível registrar, editar e disseminar a considerável quantidade de conhecimento que flui espontaneamente nos e-mails trocados entre seus membros ou nas mensagens deixadas nos scraps dos websites (MCKEAN, apud horta, 2007:06/07)

Deste modo, infere-se que vivemos um mundo interconectado, a qual as pessoas circulam por salas de bate papos (*chats, ICQ, MSNs, skype*), participam de lista de discussões e *e-mails*, “compram” newsletter virtuais, criam páginas na internet, blogs, fotologs, enviam mensagens para celular, participam de comunidades de relacionamentos virtuais, entre tantos outros serviços que são utilizados através da web que auxiliam na formação de verdadeiras comunidades virtuais. A utilização da web de modo tão intenso, corrobora com alguns estudos, aumento a vantagem da *netnografia*. Nas palavras de Kozinets,

(...) a maior vantagem da Netnografia se baseia no fato de que, comparada com o etnografia tradicional e orientada ao marketing, ela é de longe a que consome menos tempo e elaboração. Um outro contraste com a etnografia tradicional e orientada ao marketing é que a Netnografia é capaz de ser conduzida de uma maneira que seja inteiramente não invasiva (ou pelo menos não necessita ser). Comparado com os grupos de foco e as entrevistas pessoais, a Netnografia é menos importuna e também pode fornecer a informação de uma maneira mais acessível e oportuna do que grupos de foco e entrevistas pessoais. A Netnografia fornece aos investigadores do marketing uma janela em comportamentos naturais, tais como buscas para a informação entre a conversa dos consumidores. Entre as limitações da Netnografia encontra-se a necessidade de uma habilidade mais interpretativa do investigador e a falta dos identificadores das informações atuais no contexto on-line, o que dificulta a generalização dos resultados encontrados em um determinado grupos fora da amostra on-line da comunidade. Os investigadores do marketing que desejam generalizar as descobertas de um grupo de Netnografia on-line particular a outros grupos devem conseqüentemente aplicar avaliações cuidadosas da similaridade e empregar métodos múltiplos para a triangulação. (2002 apud HORTA, 2007:8/9)

Por fim, bebendo em Seyferth, ressaltar que o relato biográfico – inclusive na forma de “história de vida” -, as cartas e outros instrumentos do mesmo tipo (e aqui os sites de relacionamentos virtuais bem como os outros instrumentos da web), não podem ser descontextualizados da realidade social que os produziu, pois não são um fim em si mesmo. Conforme Mintz (1960 *apud* SEYFERTH,2005), a história da vida só é sociologicamente relevante quando contextualizada nas transformações sociais ocorridas na sociedade, testemunhadas na vivência cotidiana da informante que memoriza seu passado.

Conclusão:

Infere-se que as redes de telecomunicações são mantidas, tanto pelos migrantes quanto por aqueles que permanecem no país e estão inseridos no processo migratório, como o principal meio de comunicação entre os dois mundos – Brasil/EUA – e sendo usada paulatinamente por esses migrantes e seus pares e ganhando espaço progressivo entre os migrantes e a sociedade de origem. Essas redes não servem só para comunicação entre migrante e a sociedade de origem, mas também como meio de construção de comunidade étnicas virtuais que possibilitam a troca de informações acerca da experiência migratória e não se desconectam, independente da condição migratória, das questões econômicas, sociais e culturais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Gláucia de Oliveira; MERIZ, Gisele & FRANCISCO, Elton. **Uma análise das redes sociais de Criciúma (SC) e Governador Valadares (MG) para os EUA a partir dos relatos orais.** In: Anais do IV Encontro Regional de História Oral. Disponível em www.cfh.ufsc.br/abho4sul. Acesso em 11 de novembro de 2007.

_____, MERIZ, Gisele & IHÁ, Natália Cristina. **A segunda geração de emigrantes brasileiros: problemas e perspectivas.** In: Anais eletrônicos do XI Encontro Estadual de História: mídia e cidadania. Mini-Simpósio: Migrações e Viagens no Brasil. Florianópolis: ANPUH-SC, 2006.

_____*et al.* **Escolarização, trabalho e cidadão-consumidor: um estudo sobre a 2ª geração de migrantes - criciúma (SC) / Boston (MA).** In: anais eletrônicos do III simpósio nacional de História cultural. GT: História cultural: novos objetos, novas abordagens. Florianópolis: GT História cultural – núcleo de santa Catarina, 2006

ASSIS, Gláucia de Oliveira. ? **Haciendo América haciendo limpieza: uma redefinição de lãs relaciones de gênero y solidariedad?** Paper apresentado na XXVI Internaciona Congreso of latin America Studies Association, Puerto Rico, march 15-18, 2006. disponible em cd.

_____. **De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares e de gênero nas vivências dos novos migrantes brasileiros.** Campinas: Tese de doutorado do instituto de filosofia e ciências humanas/UNICAMP, 2004.

_____. **De criciúma para o mundo – os novo fluxos da população brasileira: gênero e rearranjos familiares.** In: MARTES, Ana Cristina & FLEISCHER, Soraya (org). *Fronteiras cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais.* São Paulo: Paz e Terra, 2003, p.199-230.

_____. **Os novos fluxos de migração internacional da população brasileira e as transformações nas redes familiares e de gênero.** In: *Fronteiras Cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais.* MARTES, A.C.B. e FLEISCHER, S.R.(org.). São Paulo: Paz e Terra, 2003.

_____ & SASAKI, Elisa. M. **Teorias das migrações internacionais.** Artigo apresentado na ABEP, Caxambu, outubro de 2000.

ASSIS, Gláucia de Oliveira. **Estar Aqui, Estar Lá... uma cartografia da vida entre o Brasil e os Estados Unidos.** Campinas: Núcleo de Estudos de População N°41/ UNICAMP, 2002.

CHAUVEAU, Agnes & TÉRTAD, Philippe (org). **Questões para a história do presente.** Bauru: EDUSC, 1999.

CAMPOS, Emerson César de. **Vozes da Fronteira: impressões e sentimentosde quem atravessou a fronteira entre México e Estados Unidos (1995-2005).** In: *Anais do IV Encontro Regional de História Oral.* Disponível em www.cfh.ufsc.br/abho4sul. Acesso em 11 de novembro de 2007.

_____. **Territórios deslizantes: recortes, miscelâneas e exibições na cidade contemporânea – Criciúma (SC) (1980-2002).** Florianópolis: tese de doutorado do programa de pós graduação em História – UFSC, 2003.

CASTLES, Stephen. **As migrações internacionais no limiar so século XXI: questões e tendências globais.** In: *Globalização, transnacionalismo e novos fluxos migratórios. Dos trabalhadores convidados às migrações globais.* Lisboa: Fim de século, 2005, p.15-42.

HORTA, Daniela. **Etnografia on-line – Comunidades Virtuais: uma revisão bibliográfica.** RS: sem publicação/PUCRS (Mestrado em administração e negócios), 2007.

MARTES, Ana Cristina Braga. **Brasileiros nos Estados Unidos: um estudo sobre imigrantes em Massachussets.** São Paulo: Paz e terra, 1999.

_____ & FLEISCHER, Soraya. **Fronteiras Cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais.** São Paulo: Paz e Terra, 2003.

MURAD, Angèle. **Ciberlegenda.** Número 2, 1999. Disponível em <<http://www.uff.br/mestcii/angele2.htm>> Acessado dia 05 de dezembro de 2007.

REIS, Rosana R. & SALES, Teresa. **Cenas do Brasil migrante.** São Paulo: Boitempo, 1999.

RODRIGUES, Pedro Eurico. **Reminiscências do retornar: Impressões e sentimentos de retornados sobre Criciúma (SC) entre 1995 e 2005.** In: Anais do IV Encontro Regional de História Oral. Disponível em www.cfh.ufsc.br/abho4sul. Acesso em 11 de novembro de 2007.

SALES, Teresa. **A organização dos imigrantes brasileiros em Boston, EUA.** In: São Paulo em Perspectiva, v.19, n.3, p.44-54, jul/set. 2005.

SEYFERTH, Giralda. **Cartas e narrativas biográficas no estudo da imigração.** In: DEMARTINI & TRUZZI (org.) Estudos migratórios: perspectivas metodológica. São Carlos (SP): Edufscar, 2005, p.13 – 48.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. **Estados, redes sociais e fronteira: a migração do sul catarinense para os Estados Unidos.** Florianópolis: tese de doutorado do programa de pós-graduação em geografia – desenvolvimento regional e urbano / UFSC, 2007.

_____. **Catarinenses na fronteira México- Estados Unidos.** In: travessia: revista do migrante. São Paulo: Publicação CEM, ano XIX, nº55, maio – ago/ 2006.